



ENSINO DE SOCIOLOGIA E RELATOS DE SI: CONSTRUINDO A AUTONOMIA REFLEXIVA

Joana Elisa Röwer; Adelson Cheibel Simões; Maria Betânia Alves dos Santos;
Carlos Eduardo Gomes

Faculdade do Baixo Parnaíba, joanarower@gmail.com

Resumo: Este texto resulta de uma pesquisa aplicada na disciplina de Sociologia com jovens e adultos estudantes. O objetivo central foi construir possibilidades didático-metodológicas de reflexão e conscientização de si na relação entre temas sociológicos, estrutura e contextos socioculturais e trajetórias individuais. Partiu-se do pressuposto que narrar a própria experiência, produzir relatos de si, provoca estranhamentos/desnaturalizações do saber do senso comum, possibilita conscientizações e pode provocar a reorganização de perspectivas futuras e (re)ordenação do mundo. A disciplina foi desenvolvida em três momentos principais de criação de espaços/tempos de escrita autorreferencial, concomitante ao desenvolvimento dos conteúdos disciplinares da Sociologia. A análise da experiência considerou que a construção de espaços/tempos de escritas de si relacionadas aos temas sociológicos e as heterobiografias possibilitou reinterpretar a própria história e do outro; atribuição de outros sentidos aos contextos de vida; e, reflexividade autônoma na relação entre micro e macro narrativas. Contudo, há de se problematizar as diferentes atribuições de sentidos pelos educandos a esta atividade; a relação educador-educando que interfere no próprio processo de escrita; e a pertinência do desenvolvimento em sala de aula de propostas didáticas com o uso de relatos de si como dispositivo de formação e método de aprendizagem.

Palavras-chave: Ensino de Sociologia, Relatos de si, Metodologia de aprendizagem.

INTRODUÇÃO

Vida, experiência e aprendizagem são inseparáveis na teoria de educação de John Dewey (2010), em que o conceito de educação é compreendido como um processo de reconstrução e reorganização da experiência pela percepção de sentidos da experiência, o que possibilita orientações futuras. Tal concepção de educação perpassa a experiência docente relatada neste texto, que teve como proposta construir espaços/tempos de narração e possibilidade de interpretação de si, da história pessoal na relação com a História e com as estruturas e condicionantes socioculturais, na perspectiva do estranhamento e da desnaturalização, compreendidos como princípios epistemológicos do ensino de Sociologia.

A abordagem, ocorrida no primeiro semestre de 2016, em um curso de formação de professores, que buscou congrega Ensino de Sociologia com relatos autobiográficos, como dispositivo de formação em Educação, decorre, primeiramente, da necessidade de criar possibilidades para que os educandos atribuam sentidos aos conteúdos da Sociologia ao



compreenderem-se nos contextos sociais e culturais em que estão inseridos e a possibilidade do desenvolvimento de uma reflexividade autônoma em que as histórias de vida, compreendidas como micro narrativas podem também fundamentar contraposições as macro narrativas sociais. A importância da temática e da pesquisa é que os temas sociológicos na relação com as auto e heterobiografias podem servir para um entendimento do outro e de um eu na relação com esses outros. Como diria Bourdieu (2011), o efeito da sociologia é promover autoanálises no sentido de ver-se em meio à História e às estruturas sociais. Desse modo, Oliveira (2011, p. 36) questiona: “Como nos utilizar do olhar da sociologia para pensar e refletir sobre uma realidade significativa para nossos alunos?”.

A valorização da individualidade do sujeito na relação direta entre desenvolvimento das potencialidades individuais e desenvolvimento social, configura-se como um pressuposto central desta abordagem cujo objetivo geral centrou-se em desenvolver possibilidades didático-metodológicas para o ensino de sociologia através de relatos autorreferenciais como dispositivo de formação. Relacionar as especificidades da Sociologia enquanto ciência e do sentido do ensino de sociologia na educação básica; analisar os conceitos desenvolvidos pela sociologia como imaginação sociológica, e, estranhamento e desnaturalização; relacionar a abordagem biográfica como prática de formação com as especificidades da sociologia no ensino médio; e, analisar as possibilidades da abordagem biográfica como prática de formação no ensino de jovens e adultos foram finalidades que também constituíram esta pesquisa.

O diálogo entre a abordagem (auto)biográfica como dispositivo de formação e o ensino de Sociologia, na perspectiva da construção de espaços de possibilidade de estranhamentos, desnaturalizações e do desenvolvimento da imaginação sociológica e ainda na formação da consciência de si e do outro, da crítica e da autonomia, permitiu a elaboração de processos de ação – compreensão – emancipação. Na relação entre biografia e aprendizagem, na interligação entre compreensão de si e do social – aprendizagem – ação em si e no social, que rumaram à emancipação, viabilizada pela capacidade de pôr-se em suspensão, ou seja, por uma ação em que se fica suspenso em um processo de reorganização de si.

METODOLOGIA



Esta pesquisa se caracteriza por ser uma pesquisa aplicada; em relação aos seus objetivos se caracteriza por ser uma pesquisa descritiva-esplicativa; em relação aos seus procedimentos técnicos como uma pesquisa participante, de caráter qualitativo. Em relação as técnicas de pesquisa e coleta de dados fez uso da observação participante e da produção de relatos escritos. A aplicação da proposta deu-se em uma turma de 54 estudantes jovens e adultos do 1º semestre dos cursos de formação de professores de Letras e Pedagogia de uma instituição privada do interior do Maranhão. É preciso pontuar que estes acadêmicos são provenientes de escolas públicas de educação básica, sendo a grande maioria, trabalhadores no período diurno e estudantes no período noturno.

A disciplina de Sociologia foi desenvolvida em três momentos principais, constituídos pelo exercício da escrita de si. Esta elaboração da narrativa, conforme Josso (2010), pode ocorrer tanto pela escolha de uma ou diversas temáticas que circunscrevem a narrativa, ou pela reconstituição do percurso de formação na sua integralidade. Desta forma, questões foram realizadas que direcionaram os relatos no sentido de repensar e narrar a vida escolar de cada um.

O primeiro momento, no início do ano letivo, foi uma reflexão geral sobre as relações entre indivíduo e processos de socialização, sobre as relações entre condicionantes sociais e histórias individuais. Após, foi solicitado que os alunos escrevessem sobre si mesmos relatando suas trajetórias escolares. Esta questão teve o objetivo de provocar nos acadêmicos em formação uma narração reflexiva na relação entre trajetórias escolares e contextos sociais. Como professora, a leitura desses relatos permitiu uma avaliação de quem eram esses alunos, como percebiam a si mesmos na relação com os seus contextos de vida.

A partir desta escrita foram trabalhadas questões teóricas e concepções sobre a relação entre escola, sociedade e trajetórias individuais. Uma das perspectivas teóricas elencadas para trabalhar estas questões foi a teoria de Pierre Bourdieu. Esta etapa teve como objetivo proporcionar que os alunos percebessem a influência dos contextos e das estruturas sociais que participam nas suas concepções, perspectivas e trajetórias individuais. Após esta discussão os alunos, agora em pequenos grupos, elencaram um dos relatos das trajetórias individuais dos participantes do grupo para realizar uma análise na relação a perspectiva teórica debatida em aula. Esta reinterpretação constituiu o segundo momento da disciplina.

O terceiro momento ocorreu por uma apresentação oral e escrita de um relatório sobre a análise da trajetória de vida. Esta apresentação permitiu observar como os conteúdos teóricos serviram para reinterpretar as compreensões sobre as trajetórias individuais na relação com os



contextos sociais, como também possibilitou o questionamento e a problematização da concepção teórica em que houve embates entre as micro narrativas e a macro narrativa. Desta forma, observou a reflexão autônoma e não a mera aceitação de uma explicação sociológica sobre determinado aspecto social experienciado. Após esta apresentação, foram realizadas conversas com alunos sobre a experiência de escrever sobre si mesmo (autobiografia) de escutar as experiências de outros (heterobiografia) e de como eles significaram a Sociologia a partir dessa vivência.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A disciplina de Sociologia, na experiência aqui relatada, foi gestada e operacionalizada a partir da definição de alguns pressupostos teóricos postos em relação e vinculados à concepção de educação na perspectiva da experiência como elemento de formação humana, aos objetivos da Sociologia e aos pressupostos da Pesquisa (Auto)biográfica em Educação.

A compreensão da experiência como elemento de formação humana na educação remete às concepções de John Dewey, filósofo e pedagogo, defensor da educação progressiva, no início do século XX. Para este educador, vida, experiência e aprendizagem são processos inseparáveis e mutuamente referentes. (DEWEY, 2010). Para Dewey, a experiência educativa tem como função e efeito a percepção de relações e continuidades não percebidas anteriormente e, assim, pela compreensão de outros sentidos, há possibilidades de construção ou geração de novas perspectivas futuras. (DEWEY, 2010). Os conceitos de experiência e sentido na relação com a educação são refletidos, atualmente, pelo professor espanhol Larrosa Bondiá (2002). A experiência é então definida como “o que nos acontece” (BONDIA, 2002, p. 21); é “em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova” (BONDIA, 2002, p. 25). Nas perspectivas acima, uma experiência educativa transforma o sujeito da experiência. Transformação que é formação humana compreendida na sua dinamicidade e continuidade. E, assim, é possível estabelecer relações com o campo da (Auto)biografia como dispositivo de formação em Educação.

Josso (2010), no livro *Experiências de vida e formação*, define o conceito de formação “como atividade de um indivíduo em relação consigo mesmo, com o seu meio humano e natural no seu percurso de vida”. (JOSSO, 2010, p. 245). De modo sucinto, dentro do quadro deste texto, tem-se a compreensão da experiência como formadora da pessoa, ou, ainda, que a formação ocorre pelo experienciar, cujo elemento constituidor é a vida. Este acontecimento do experienciar necessita da reflexividade do sujeito sobre ele mesmo, sobre o que lhe aconteceu, o que permite reinterpretações,



ressignificações da história pessoal e outras reordenações futuras. Na abordagem (Auto)biográfica como dispositivo de formação em educação, o relato de si é percebido como um exercício de reconstrução e reavaliação das experiências e aprendizagens decorrentes de todos os âmbitos sociais e culturais vividos; é um exercício de reflexão de si e, por isso, de formação. Assim, Passeggi (2011), ao abordar sobre as narrativas (auto)biográficas como prática de formação do adulto, expõe sobre a potencialidade dos relatos autobiográficos e a sua conseqüente contribuição para o protagonismo individual.

As relações entre as concepções de experiência, aprendizagem, formação, reflexividade, vida, acima descritas, com o ensino de Sociologia refere-se, justamente, aos objetivos da Sociologia, que indicam a contribuição na formação da criticidade e da cidadania e, sobretudo, no desenvolvimento dos processos de estranhamento e desnaturalização, compreendidos como princípios epistemológicos, que necessitam da reflexão sobre a relação entre contextos e condicionantes sociais/culturais e biografias individuais. O estranhamento significa, de modo geral, pôr em evidência os fatos cotidianos e interpretá-los como objetos de estudo da Sociologia, ao compreender as causas, as regularidades e como estes influenciam os indivíduos. A desnaturalização significa compreender as regras, as normas, os valores, as instituições sociais no seu processo histórico e dinâmico.

Em relação ao conceito de imaginação sociológica, Mills (1975) o concebe como uma qualidade de espírito que permite a compreensão dos cenários históricos amplos na relação com os significados para cada indivíduo, na compreensão do modo como esta relação influencia as projeções individuais. Para Berger (1978), o olhar sociológico, ou, ainda, a consciência sociológica, seria desmistificador, na medida em que proporciona a compreensão de como os sistemas sociais funcionam na relação com a compreensão/localização de si no tempo/espço social. Para Silva (2005), é justamente o desenvolvimento desse olhar sociológico a possibilidade de aproximar os jovens do estudo da Sociologia na sala de aula e de fomentar a criticidade.

Para Dewey (2010), as aprendizagens devem servir para a reconstrução das experiências e reorganizações de perspectivas futuras. Este processo não é delimitado em uma determinada etapa da vida, ou seja, a atribuição de sentidos e a aquisição de habilidades de aprender ocorrem em um processo contínuo de reordenação, rearranjo e transformação da vida. A relação entre aprendizagem e experiência realiza-se na medida em que conhecer algo implica uma transformação em quem conhece. Na perspectiva de Bondiá (2002), a experiência é algo que toca cada indivíduo, ou seja, é uma tarefa individual, embora possa ser possibilitada coletivamente.



Encontra-se em Bourdieu (2011) uma discussão entre pôr a Sociologia em seus conteúdos conceituais e teóricos e produzir efeitos de reflexividade, ou seja, situações de sócio-autoanálise, que se aproximam da compreensão do desenvolvimento da imaginação sociológica. A Sociologia tem como função a compreensão do mundo social. Sua tarefa também é a compreensão do *corpo socializado*, a qual, segundo Bourdieu (2003), desnaturaliza, desfataliza e, por isso, liberta na possibilidade de reorganizações futuras. História social e estruturas sociais são sintetizadas em trajetórias individuais (FERRARROTI, 2010), cuja narração e reflexão são possibilidades de experiências formativas e compreensões da relação entre condicionantes sociais e as próprias biografias.

Posto isto, a experiência aqui relatada tem seus limites de compreensão em uma coletividade de alunos, pois a reelaboração das experiências de vida, a compreensão de outros sentidos pela relação com as temáticas sociológicas e mesmo a possibilidade de outros olhares sobre as perspectivas futuras é algo que ocorre do aluno para ele mesmo. Compreende-se que este exercício de escritas autorreferenciais contribui para a aquisição de uma habilidade de aprendizagem de relacionar os conhecimentos disciplinares com a vida vivida em outros espaços/tempos.

A análise da experiência e as falas dos estudantes sobre esta vivência apontou, de forma geral, que a construção de espaços/tempos de escritas sobre si mesmo, relacionadas aos temas sociológicos e às trajetórias individuais, possibilitou estranhamentos e desnaturalizações, reinterpretções da própria história e do outro e atribuição de outros sentidos/compreensões aos contextos de vida. Dessa forma, encontra-se exposto abaixo trechos destes relatos que problematizam as trajetórias analisadas em relação, sobretudo, da importância da escolarização nas vidas individuais:

De fato ir para uma instituição fez-me socializar mais com outras pessoas. Durante os estudos no colégio [...] desenvolvi mais os conhecimentos, consegui saber mais dos conteúdos que foram aplicados em sala de aula [...] que contribuíram para minha aprendizagem. (Relato E1).

A escola tem um papel importante na vida de cada aluno, pois ela é um dos pilares necessários para a formação social de cada indivíduo, em que também tem-se a colaboração da família para melhor compreender e assim nesta relação formar pessoas com conhecimento crítico e social. (Relato E2).

Acordava às 5 horas da manhã para estudar para as provas e trabalhos, uma jornada difícil para mim que trabalhava muito. [...] Lutei até aqui e sei que ainda sou capaz de conseguir mais ainda e chegar a qualquer lugar que eu queira, e terminar a faculdade e me formar e começar a trabalhar. (Relato E3).

No ensino médio, tudo era diferente. Outra escola, outros professores. Mas a maior dificuldade foi com a falta de professores. Esse problema é de quase ou todas as escolas e



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

do aprendizado “ruim” de alguns alunos e principalmente da rede pública e mais presente no ensino médio. Mas em toda minha trajetória escolar e pessoal tive o acompanhamento e o apoio da família e de pessoas do corpo escolar, que me ajudaram a estar aqui e ser quem sou. (Relato E4).

Em relação a socialização secundária, teve também seu espaço nesse processo, pois meus fins e valores foram sempre ligados a religiosidade (igreja), e aos métodos de pensar, tudo isso relacionado a minha vida educacional, entretanto, minha instituição também havia uma ligação com esses mesmos fins, pois agregavam a religião como forma de ensino, tendo a mesma como matéria educativa. Trazendo experiências satisfatórias para minha vida, tanto escolar como no meu cotidiano. (Relato E5).

Nesse sentido, houve embates com a teoria sociológica apresentada, pois, se de modo geral, a teoria crítica da educação com Pierre Bourdieu, cuja crítica sociológica e histórica, de forma ampla, dirigiu-se às estruturas educacionais e curriculares, a reprodução, a consagração da distinção entre as classes pelo sistema escolar e, a organização estrutural na relação entre poder e controle, os relatos, sobretudo nas apresentações orais contrapuseram-se a estas concepções, pois os estudantes compreendem-se com trajetórias de vida de sucesso, por estarem cursando uma formação superior. Por mais que seja possível encontrar reflexões sociológicas para estas questões a importância que se tem aqui é dos sentidos destas trajetórias para cada indivíduo, para suas famílias e seus contextos. Ou seja, os sentidos individuais e do contexto próximo prevalece sobre interpretações gerais da estrutura reprodutora e hierárquica do sistema de ensino.

Contudo, há de se problematizar as diferentes atribuições de sentidos e mobilizações pessoais dos educandos para a realização dessas escritas. Havia textos longos e densos de reflexividade sobre as próprias histórias e relatos sucintos, o que também pode demonstrar a sua intensidade. Outra questão é que a reflexividade autônoma expressava-se de forma proeminente na relação dialógica e na narrativa oral do que na narrativa e análise escrita. O que pode ser decorrente da escassez de práticas de escrita desde o ensino básico. A não atribuição de sentido dos educandos em atividades que remetem às suas histórias individuais pode ser compreendida tanto pela percepção de que atividades com estas características não resultam em conhecimentos teóricos e/ou de que refletir sobre suas biografias significa revelar trajetórias de vida marcadas por violência, abandono, carências econômicas e afetivas, nas quais a escola aparece como um lugar de saída dessas situações e não como um lugar para reviverem tais configurações.

Outro ponto a ser problematizado é a relação educador-educando, que interfere no próprio processo de escrita do aluno, pois relatar-se e dar-se para ler é permitir que o outro (o/a professor/a) tome consciência da sua vida, entre os limites daquilo que se quer ou não revelar. Nesse sentido, é necessário olhar a própria condição da pessoa do educador em trabalhar com trajetórias de vida de



outros que envolve emocionalidades e demandas afetivas individuais, o que pode ser remetido a uma discussão, tanto da função e da ética profissional do educador, quanto da formação docente, que não contempla tal preparação. Para os professores, a experiência de conhecer os estudantes pelos relatos apresentados, sem dúvida, afeta as relações educativas, tanto de forma individualizada, como de forma geral, pois, ao entrar nas salas, o que passa a ser olhado são pessoas e suas histórias de vida.

CONCLUSÕES

A discussão que Bourdieu (2011) apresenta, entre pôr a Sociologia em seus conteúdos conceituais e teóricos e produzir efeitos de reflexividade, adentra a discussão do que ensinar, por que ensinar e como ensinar. Esta “situação de autoanálise” a que Bourdieu se refere se aproxima da compreensão de desenvolvimento da imaginação sociológica de Mills (1975) e da consciência sociológica de Berger (2011). Estas definições apontam para a concepção de que a tarefa da Sociologia é estabelecer relações entre os contextos sociais amplos e as biografias individuais, ou seja, é ver-se nesta relação.

O desenvolvimento do estranhamento, da desnaturalização e da imaginação sociológica; da criticidade e da cidadania pela conscientização de si; da compreensão da vida cotidiana, da ampliação da “visão de mundo” e do “horizonte de expectativas”, nas relações interpessoais, postos como objetivos do ensino de Sociologia incitam a refletir sobre a necessidade de fundamentações metodológicas do trabalho com a realidade dos estudantes, a vida dos educandos, com as biografias para a conscientização de si e para um devir, na perspectiva da reflexão de si como dispositivo de formação, ou seja, na perspectiva da Autobiografia como dispositivo de formação.

O que foi exposto neste relato de pesquisa é uma possibilidade de trabalhar com narrativas autobiográficas, escritas autorreferenciais, com jovens e adultos em formação, nos limites de tempo das disciplinas curriculares. Há outros modos possíveis de fomentar a reflexão sobre si na relação com os conteúdos da sociologia, sobretudo nos temas sociológicos, ressaltada a importância do tripé conceitos-temas-teorias. Há uma diversidade de modos de narrar além de escritas, como orais, por fotografias, vídeos, músicas, que provocam autorreflexões. Também podem ser utilizados dispositivos de reflexão sobre determinado tema cujas escolhas estão entre as habilidades do professor e as características dos estudantes e do contexto de sala de aula. Contudo, o desenvolvimento de trabalhos com autobiografias e de reflexão de si necessitam de fundamentações



epistemológicas e indicação metodológica cujo campo teórico da Pesquisa (Auto)biográfica em Educação pode fornecer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGER, Peter. **Perspectivas Sociológicas: uma visão humanística**. Tradução de Donaldson M. Garschagen. Petrópolis: Vozes, 1978.

BONDÍÁ, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 19, pp. 20-28, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2014.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Tradução de Miguel Serras Pereira. Lisboa: Fim de Século, 2003.

BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. **O sociólogo e o historiador**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

DEWEY, John. Textos selecionados. In: WESTBROOK, Robert B.; TEIXEIRA, Anísio; ROMÃO, José Eustáquio; RODRIGUES, Verone Lane (org.). **John Dewey**. Recife: Massangana, 2010. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4677.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2013.

FERRAROTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, Antônio; FINGER, Matias (Orgs.). *O método (auto)biográfico e a formação*. Natal, RN:EDUFRN; São Paulo: PAULUS, 2010. p.35-57.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Tradução de José Cláudio e Júlia Ferreira. Natal, RN: EDUFRN, 2010.

MILLS, Charles Wright. **A imaginação sociológica**. Tradução de Waltemir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

OLIVEIRA, Amurabi. Sentidos e dilemas do ensino de sociologia: um olhar sociológico. **Revista Inter-legere**; Rev. C. Sociais UFRN, Natal, n. 9, pp. 25-39, jul-dez. 2011. Disponível em: <<http://www.cchla.ufrn.br/interlegere/09/inter-legere.htm>>. Acesso em: 20 abr. 201.

PASSEGGI, Maria da Conceição. A pesquisa (auto)biográfica em educação: princípios epistemológicos, eixos e direcionamentos da investigação científica. In: VASCONCELOS, Fátima; ATEM, Érica. (Org.). **ALTERidade: o outro como problema**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2011.